

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOLOGIA

XXXII CONGRESSO

BOLETIM Nº 2
RESUMOS E BREVES COMUNICAÇÕES



CIDADE DO SALVADOR - BAHIA
SETEMBRO/1982

fato era sempre associada com recristalizações ou influência de águas superficiais mais jovens (de menor valor de $\Delta 180$).

Com o presente trabalho pretendemos demonstrar que as variações dos valores de $\delta 13C$ são bastante mais amplas que o apresentado até então, podendo servir para determinar não só o ambiente de sedimentação, mas também o ambiente de alteração/recristalização e, fundamentalmente, que a razão $\Delta 180$ é independente, ou quase, da recristalização ou contaminação com águas superficiais.

Apresentam-se modelos explicativos para as variações e mostram-se quatro casos concretos onde o processo se verificou.

OS PRINCIPAIS TIPOS DE ROCHAS VULCÂNICAS DA BACIA DO PARANÁ NO PLANALTO DE SANTA CATARINA

Pedro Luiz Freitz Saitonê - Olavo José Bortolotto - USP - Koji Karmahita - USP

As rochas vulcânicas do Planalto de Santa Catarina são constituídas, predominantemente, por derrames de composição basáltica a andesito-basáltica. Rochas de composição intermediária ocorrem na região centro-oeste e foram classificadas como traquiandesito porfírico granofírico. Rochas ácidas estão representadas por dacitos hemicrostais granofíricos na região sudeste e por riólitos granofíricos na região centro-norte, em direção ao Estado do Paraná.

A atividade magmática no Manto Superior e na Crosta Inferior, durante o Cretáceo, foi responsável por essa diversidade de tipos petrográficos.

A determinação da densidade das rochas forneceu valores significativamente diferentes, constituindo-se num parâmetro sensível para a distinção entre elas.

COMPOSIÇÃO PETROGRÁFICA E QUÍMICA DOS DIABÁSIOS DA REGIÃO NNE DA BACIA DO PARANÁ

Adônio de Souza - Osmar Simelli - Cezar Teixeira Corrêa - USP

Durante a execução de mapeamento geológico em semi-detalle na região NNE da Bacia do Paraná, tivemos nossa atenção despertada pelo excessivo número de intrusivas básicas (diabásio que perfazem aproximadamente 2/3 da área em questão).

Essas intrusivas, foram mapeadas em função das relações fotogeológicas diabásio/Formação Pirambóia. Entretanto, no campo os exames macroscópicos das amostras não revelaram características de suporte para sua diferenciação, em termos de basalto ou diabásio.

Assim, foi elaborado um programa de análises petrográficas e químicas que, talvez, pudessem auxiliar na diferenciação.

Os resultados obtidos mostram uma composição petrográfica e química bastante homogênea e de acordo com a observada por outros pesquisadores. Nota-se porém, que as amostras apresentam baixos teores em SiO_2 , elevada razão plagioclásio/piroxênio e altos valores de densidade. Tais observações parecem indicar uma origem magmática profunda.

TINGUAITO DE JABOTICABAL-SP

José Vicente Valarelli - José Menegu Vianna Coutinho - José Barbosa de Madureira Filho - USP

Um corpo de tingualito de forma aproximadamente elíptica, de 300 x 100 metros aflora em Jaboticabal próximo à Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia da UNESP.

Cortando discordantemente o basalto da Formação Serra Geral, sua localização foi determinada pelas diferenças entre o Latossolo Roxo proveniente do basalto e o Litossolo desenvolvido sobre a intrusiva alcaína.

O tingualito apresenta coloração cinza esverdeada, às vezes cinza escura, granulação de fina a média e textura variável: equigranular, hipidiomórfica granular e porfírica-poiquilitica.

Os principais minerais são: nefelina, feldspato potássico (sanidina), piroxênio (Na-augita) e analcita. Como minerais acessórios notam-se: Ti-augita, magnetita, esfeno e enigmatita. Mais raramente ocorrem: zircão, Na-anfibólito, apatita, perovskita, andradita e natrolita.

Trabalhos anteriores sugeriram a correlação entre esse corpo e lavas analcimiticas intercaladas em Arenito Bauru de localidades próximas.

O presente trabalho corrobora com essa correlação apresentando mais dados petrográficos e químicos.

KIMBERLITOS

João Carlos Biordi - MINEROPAR

Dois grandes problemas persistem em relação aos kimberlitos: A origem da rocha (o kimberlito) e a origem da estrutura (o "pipe"). Após apresentar uma revisão das características comuns observadas em diferentes estruturas e províncias kimberlíticas, definindo as feições que os modelos devem obrigatoriamente explicar, são propostos dois modelos genéticos, um para rocha outro para os "pipes", visando explicar as tais feições.